

PARCERIAS ESTRATÉGICAS DO BRASIL: OS SIGNIFICADOS E AS EXPERIÊNCIAS TRADICIONAIS¹

STRATEGIC PARTNERSHIPS IN BRAZIL: THE MEANINGS AND TRADITIONAL EXPERIENCES

Anderson Matos TEIXEIRA²

Com o fim da Guerra Fria e a ascensão da nova ordem mundial, vários países tiveram que rever suas agendas internacionais frente à luz que surgia no horizonte. A redução drástica da bipolaridade e da influência que resultava do modelo da gerência da economia internacional que a disputa ideológica entre EUA e URSS impunha, fez com que varias nações buscassem alternativas para conseguirem manter sua inserção no sistema internacional, de modo a conseguir manter seus objetivos. Alguns países buscaram se refugiar no aumento das relações com seus vizinhos regionais e outros optaram por aumentar o número de parceiros, se articulando num emaranhado de relações bilaterais. Assim, com o clareamento da nevoa do que seria a nova ordem mundial, no início dos anos de 1990, e a prevalência do modelo capitalista neoliberal como modelo de economia internacional, os países passaram a definir alguns parceiros como prioritários e os classificaram como “parceiros estratégicos”.

O termo “parceria estratégica” vem sendo utilizado cada vez mais para caracterizar algumas relações do Brasil com outros países, visto a quantidade de artigos e *papers* que trazem o termo nos títulos. Da mesma forma que o conceito de estratégia foi sendo empregado de modo desenfreado no mundo dos negócios, o termo perdeu seu significado ontológico e passou a definir tudo que é considerado importante de algum modo, conforme seu interlocutor. O rótulo, parceria estratégica, caiu neste turbilhão e passou a representar uma série de relações dentre as quais o Brasil mantém, tanto por diplomatas, quanto por acadêmicos.

Visando reenquadrar tal rótulo, os professores Antônio Carlos Lessa e Henrique Altemani de Oliveira reuniram uma coletânea de textos, trazendo o significado da expressão e seu emprego em relação aos parceiros mais tradicionais que o Brasil mantém. Como os organizadores afirmam, “guardando as devidas proporções, pode-se afirmar que a ideia de melhores amigos somente faz sentido para quem tem muitos amigos”(p.10). A questão maior, porém não bem explorada pela obra, é que uma parceria remete a um acordo bilateral, com maior profundidade e significado nas relações entre as partes. Se por um lado, um país rotula a parceria com outro de estratégica, logo o outro lado também deve perceber tal relação da mesma forma, o que muitas vezes não ocorre, fazendo com que o termo se esvazie. No entanto, a obra visa apresentar algumas parcerias na qual o Brasil rotula como estratégia, não explorando se a outra parte também percebe da mesma forma.

Ao tentarem situar o conceito dentro dos estudos das relações internacionais, mais precisamente dos aspectos mais relativos à Política Externa Brasileira em tempos recentes, que abordam a partir dos anos de 1990 até 2012, os diversos autores acabam por classificar as ditas parcerias estratégicas conforme seus determinados pontos de vista, não conseguindo aplicar com clareza as definições implícitas na própria obra. O livro é dividido em três partes, comportando ao todo 10 capítulos, abordando o

¹LESSA, Antônio Carlos; ALTEMANI, Henrique. *Parcerias estratégicas do Brasil – os significados e as experiências tradicionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, volume 1, 263p. ISBN: 978-85-8054-115-1

² Doutor em Ciências Políticas pela UFRGS, atualmente é professor da disciplina de Geografia Política no curso de Geografia-Licenciatura na UFFS-Erechim. Contato: amatosteixeira@gmail.com

conceito, os antigos parceiros e algumas das relações que possuem destaque no âmbito regional. Cada autor de capítulo, expressa o significado de parceiro estratégico de uma forma, em alguns pontos chegando a divergir em partes do que os organizadores afirmam ser a expressão.

Na primeira parte, Rogério de Souza Faria e Danielly Silva Ramos Becard buscam definir o significado do termo “parceria estratégica” dentro do contexto das relações exteriores do Brasil, onde buscam dar o eixo estruturante da obra. Rogério destaca que a expressão vai além da associação do significado das duas palavras, levando em conta que deve representar a “aceitação mútua da importância dos Estados parceiros”(p.25). Com as mudanças sistêmicas ocorridas no cenário internacional, Danielly, com uma ótica realista, busca definir algumas tipologias de parcerias estratégicas, de modo que elas denotam a importância da relação entre os atores de forma que não chega a ser um alinhamento e não é uma parceria cooperativa. O que deve ser observado é que, o termo, por mais que tenha sua origem corporativa, ao ser empregado pela esfera política, como o Itamaraty, faz com que o rotulo “parceiro estratégico” tenha uma significância tão grande que vem carregado de outros conceitos, onde deve ser atentado ao fato do nível de relacionamento entre as partes e não só como um conceito descritivo, uma vez que o nível das relações varia conforme dadas circunstâncias e momentos.

Passando para a segunda parte da obra, há o destaque das relações mais tradicionais do Brasil. Ela é conduzida por Cristina Pecequilo, Elena Lazarou e Carmen Fonseca, Amado Luiz Cervo, Alexandre Ratsuo Uehara e Bruno AyllónPino. Pecequilo traz a relação Brasil e EUA, uma das mais tradicionais, onde a autora faz uma linha do tempo, expondo como foram as oscilações nas relações bilaterais entre Brasil e EUA a partir de 1990 até 2012, onde divide o texto em quatro partes, identificando as fases e os conceitos vinculados a cada uma delas. Elena e Carmen trazem a União Europeia, com uma abordagem histórica, da aproximação nos anos de 1960 até a assinatura do termo de parceria estratégica, em 2007. Amado Cervo aborda as relações Brasil-Portugal, onde o autor caracteriza esta relação como uma “parceria eternamente inconclusa” (p.119). Alexandre Ratsuo Uehara trás o Japão com o peso das imigrações, dos investimentos e da cooperação para o desenvolvimento. E da relação com a Espanha, Bruno Ayllón Pino aborda a mudança de postura do eixo sentimental, para um eixo instrumental. Estas relações denotam de um contato com os países apresentados de forma que aspectos históricos, culturais e econômicos ficam conectados de tal forma que um distanciamento das relações com tais países, em comparação a outros é percebido de forma negativa não só em termos comerciais, mas também sentimentais. Ainda existem outras relações, por exemplo, mais específicas do que a União Europeia, com determinados países do bloco, como a Inglaterra, com países caribenhos e africanos, que poderiam ser explorados dentro do contexto da parte do livro.

A terceira parte vem abordar sobre a América do Sul, do aspecto regional e alguns atores de destaque. Que apresenta elas são Leandro Freitas Couto, Miriam Gomes Saraiva e Rafael Duarte Villa. Leandro Couto vem com a relação regional a partir dos anos 2000, onde para o Brasil, a questão regional é um ponto estratégico, porém a relação com cada um dos 11 países do seu entorno, já não pode ter esta rotulação. Da mesma forma, dada importância é apresentada em discurso, não podendo ser observada em termos de investimentos privados do Brasil na região. Miriam Saraiva explana sobre a evolução das relações Brasil-Argentina, da rivalidade a cooperação. E o último capítulo vem com Rafael Duarte Villa e a Venezuela. Esta relação parte de que, durante os governos militares brasileiros, nossos vizinhos, incluindo a Venezuela, possuíam uma visão negativa do Brasil pelas questões geopolíticas, Este antagonismo

passou a ser superado com o apoio e medidas de cooperação entre os dois países e do compartilhamento de ideias em relação à integração regional.

São textos que trazem uma grande quantidade de informações, onde é possível abstrair a evolução de tais relações. Sua leitura é agradável e ao mesmo tempo possui uma relativa densidade. Ao abordarem relações com seus parceiros estratégicos, o texto consegue expor a questão multicausal da tal conceito, mesmo que, em alguns textos, ela se torne inconclusa ou pendular. Alguns textos não conseguem ilustrar conceitualmente a questão da parceria estratégica, como também, em alguns casos, só se observa um lado da parceria, deixando de lado a visão do outro parceiro. De modo geral, é uma leitura obrigatória para o entendimento da política externa brasileira e sua atuação.

Resenha recebida em 28-08-2016

Resenha aceita para publicação em 05-05-2017